



Pensar a cor: caminhos na pesquisa cromática

*Thinking about color: paths
in chromatic research*



Juliana Garzillo Cavalcanti¹

¹ Doutoranda em Processos Audiovisuais na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com bolsa CNPq. Participa do Grupo de Estudos Transversalidades Poéticas no Audiovisual (USP). Integrante do Coletivo Quarta Pessoa do Singular. E-mail: julianagarzillo@gmail.com

Resumo: Resultante de seminários realizados pelo Grupo de Pesquisas Cromáticas do Departamento de Artes Plásticas da USP, desde 2009, o livro *Reflexões sobre a cor* foi publicado em 2021. É formado por ensaios de diferentes autores que problematizam o fenômeno cromático articulando diferentes áreas do conhecimento, passando por abordagens dos aspectos físicos, químicos e fisiológicos da experiência com a cor, da arte moderna à contemporânea. Singular ao reunir pesquisas que destacam questões cromáticas, a publicação é uma incomum e instigante estruturação de estudos que privilegiam a cor.

Palavras-chave: cor; cromatismo; artes visuais.

Abstract: Resulting from seminars held by the Group of Chromatic Research of the Department of Plastic Arts at University of São Paulo since 2009, the book *Reflexões sobre a cor* (Reflections on color) was published in 2021. It consists of essays by different authors that problematize the chromatic phenomenon articulating different areas of knowledge, going through approaches of the physical, chemical, and physiological aspects of the experience with color, from modern to contemporary art. Unique in bringing together research that highlights chromatic issues, the publication is an unusual and thought-provoking structuring of studies that focuses on color.

Keywords: color; chromatism; visual arts.

O que seria de nós, seres orientados pela visão, se não tivéssemos a capacidade de ver as cores? O pensar a cor como linguagem ganha amplitude e riqueza com o material reunido no livro *Reflexões sobre a cor* (2021), organizado pelo professor livre-docente e artista plástico Marco Giannotti. A publicação de mais de 400 páginas é resultado dos trabalhos do Grupo de Pesquisas Cromáticas do Departamento de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo, nascido em 2009. Na obra, diferentes áreas de conhecimento se encontram em torno do estudo do fenômeno cromático por meio de alunos e professores de universidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Dezoito autores, membros do Grupo de Pesquisas Cromáticas, dão corpo ao livro cujo título nos remete ao universo estudado – boa parte deles trabalha artisticamente com a cor.

São eles: Claudio Mubarak, Helena Küller, João Carlos de Oliveira Cesar, Joceli Domingas de Oliveira, Luciano Deszo, Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro, Marcela Rangel, Maria Fernanda Riscali de Lima Moraes, Maura Grimaldi, Monica Tinoco, Paloma Carvalho Santos, Pedro Hamaya, Raquel Magalhães, Taís Cabral Monteiro, Teresa Midori Takeuchi, Vitor Iwasso, além do organizador e autor Marco Giannotti. Efeito da luz em uma superfície, imagem de algo, a reflexão aqui é a do conhecimento de um coletivo espelhado no papel. Como transpor a abstração da cor em pensamento textual?

A reflexão sobre a cor se dá a partir da produção e pensamento de artistas, filósofos, antropólogos e cientistas de diversas épocas e meios socioculturais. O livro reúne diversos ensaios sobre a cor em sua dimensão física, química e sensorial. Diversos mesmo: cada ensaio traz um foco analítico e questões cromáticas, seja pelo passeio por outras épocas e culturas no Ocidente e Oriente, seja por apresentar visualidades e materialidades que vão do pigmento mineral à cor-luz digital. A publicação se divide em seis direções ou possibilidades de pensar a cor: 1. Cor e olhar; 2. Cores físicas; 3. Cor e espaço; 4. Cores químicas; 5. Cor e técnica; 6. Cor e linguagem. Tal divisão organiza ensaios que não estão necessariamente interligados conceitualmente – cada leitura é independente.

Conforme Giannotti indica na apresentação do livro, os capítulos e subcapítulos não seguem uma ordem progressiva ou cronológica – sintoma da complexidade do estudo da cor, que encontra definições e análises que partem de diferentes pressupostos e chegam a diversos lugares. Um mundo de abordagens se abre para o leitor: escapamos um pouco das chamadas em vídeo para mergulhar no universo cromático de tempos diferentes, das pinturas rupestres da Antiguidade ao abstracionismo moderno, dos significados tradicionais das cores do Oriente à desconstrução Dadá. Falar sobre cor envolve não apenas seus aspectos físico-químicos, ou mesmo da anatomia de nossa visão, mas ainda fenômenos socioculturais: urbanismo e arquitetura, moda, religião, arte.

Cor e olhar

Os ensaios dessa fatia do livro nos colocam em contato com os diferentes jeitos de pensar a cor pelos artistas, seja através de regras ou na ausência delas. Aborda-se a sistematização das cores e os instrumentos utilizados por renascentistas e maneiristas em seus processos de pintura e desenho. Giannotti destaca J. W. von Goethe (1749-1832) como um poeta que refletiu sobre a visão colorida de forma singular e contribuiu para leituras outras sobre o fenômeno cromático: para Goethe, a cor existe a partir do olho e não como prerrogativa dos objetos como comumente se considera. Dessa maneira, os textos reunidos vão tratar a cor a partir do olhar, não exatamente a partir do fenômeno físico que aprendemos na escola. *A Doutrina das cores* de Goethe vem para discordar da teoria de Newton (1643-1727). Contra o cientificismo do físico, o poeta inverte o caminho do entendimento sobre as cores: é na retina que são produzidas e passam a existir.

Passamos então pela racionalização da visão durante o Renascimento às implicações disso sobre o uso ou não da cor por artistas como Lorenzo Ghiberti (1378-1455) e Albrecht Dürer (1471-1528) – que publica um manual de pintura sem ao menos considerar a cor como elemento de construção pictórica. Mas as nuances cromáticas aparecem inclusive nas sombras, coloridas ou não. Assim, Da Vinci (1452-1519) e sua escala cromática criavam ilusões volumétricas. Passeamos por épocas e usos diferentes, como o simbolismo das cores em igrejas ortodoxas e significados atrelados a pigmentações. Ou, mais adiante, pelas escolhas artísticas do *tenebrismo* e o pouco uso de cores, mas da luz e sombra em sua essência como em Caravaggio (1571-1610) ou, mais tarde, em Goya (1746-1828) – ambos brincando com a luminosidade para dar forma à escuridão.

Cores físicas

A diversidade de objetos estudados continua pelas próximas partes do livro. Aqui, a cor entra em diálogo com o espaço. A janela vira recorte do mundo, do espaço outro. A cor aparece como elemento espacial autônomo em Mondrian (1872-1944), em cuja obra, por exemplo, cor e estrutura se complementam. Vamos entender as cores físicas e suas potencialidades espaciais – na tela e fora dela. Os autores tratam da cor e da superfície na pintura, seja pela percepção visual de um instante dos impressionistas europeus, seja pelo jogo com superfícies diferentes dos modernistas brasileiros. O russo Kazimir Malevich (1879-1935), no Suprematismo, trata a cor como um caminho para se alcançar uma quarta dimensão: a do tempo.

O fenômeno cromático não mais é tratado secundariamente na obra do artista, mas vira um mote. Modernistas brasileiros como Lasar Segall (1891-1957), Anita Malfatti (1889-1964) e Tarsila do Amaral (1886-1973) adotam a cor como expressão. A materialidade da superfície na qual uma cor está presente dá diferentes texturas e brilhos para uma mesma tonalidade. Na antiguidade do Egito as cores pretas eram distinguidas e podiam ainda estar associadas a significados diversos, como a morte ou a fertilidade. Elas reaparecem no trabalho dos estadunidenses no período pós-guerra, especialmente em Nova Iorque, como em Mark Rothko (1903-1970). Os ensaios aqui nos apresentam a cor ganhando autonomia. Ela deixa de ser determinante de luz e sombra e vira elemento concreto a ser manuseado. Artistas passam a desenhar com a cor.

Cor e espaço

De períodos ancestrais ao contemporâneo, deparamos com a contaminação dos espaços pelas cores. Artistas modernos se interessam pela arte rupestre e a visualidade humana ancestral. A relação de visualidade nas pinturas pré-históricas, os pigmentos minerais e os espaços das cavernas viram objeto de estudo para construção do espaço moderno. Monet (1840-1926) monta um espaço-ambiente de pinturas impressionistas de seu jardim – que foi criado para ser pintado e transformado em um ambiente-pintura. No espaço contemporâneo a cor toma o ambiente, sai da pintura. *Desvio para o Vermelho*, de Cildo Meireles (1948), cria uma ambientação-cor. Nas obras de Donald Judd (1928-1994), o espaço vira suporte de pintura.

A cor vai ser também discutida na arquitetura, seja como parte constitutiva da percepção de forma e volume, adquirindo um papel secundário, ou não. Ou ainda voltando a uma posição de destaque com a Bauhaus em sua inventividade abstrata na criação de formas-cor. Mas falar de espaço e cor remete também à Op Art, à arte cinética de Abraham Palatnik (1928-2020) e até à luz em sua pura utilização no espaço, como em Dan Flavin (1933-1996). Mais uma vez deparamos com uma riqueza de referências, dessa vez na relação da cor com um ambiente tridimensional.

Cores químicas

Aqui a pintura corporal aparece, desde a Antiguidade, como a mais antiga modalidade do pintar. O fenômeno cromático é lido como estimulador de todos os sentidos, não apenas o da visão. Os ensaios vão tratar desde adornos e tatuagens como parte de rituais e tradições, até as cores nas vestimentas ou nos rostos como indicativos de posição social. Passam pelas ricas culturas japonesa e indígena, falam do corpo da cor e da cor no corpo. A tatuagem é também analisada na cultura dos Estados Unidos

pós-guerra. Já o corpo da cor é sentido conforme o material em que se apresenta. A partir dos anos 1960, destaca-se a relação com o corpo do observador: agora ele não apenas vê, mas também sente o espaço. Hélio Oiticica (1937-1980) mergulha nos estudos da relação do corpo com o ambiente, e a materialidade da cor ganha papel de destaque.

Cor e técnica

O artista é um pensador visual e seu fazer depende de capacidades, de domínio sobre a matéria manuseada. Essa fatia do livro traz ensaios sobre como os materiais falam por si: a escolha por uma materialidade já vem carregada de intenções poéticas. A materialidade da cor pode aparecer via aquarela, guache, têmpera, tinta a óleo, polímeros acrílicos. A tecnologia chega permitindo misturar mais facilmente as cores, assim como o transporte de tintas e suportes, proporcionando mobilidade aos artistas. Mas traz também novas ferramentas, dispositivos e materialidades para criação. Outras linguagens surgem para além da pintura e do desenho.

A fotografia nasce no século XIX junto com uma pesquisa para fixação da cor na superfície de papel: um devir colorido acompanha as fotos ainda monocromáticas. Há ainda a dimensão do cinema: a cor revelada nos filmes passa a ser projetada nas telas. Podemos, então, caminhar em direção ao vídeo e à cor eletronicamente produzida. Surge o videoartista: o vídeo é sua possibilidade e limitação criativa. As inconsistências cromáticas das primeiras televisões ativavam uma forma de apropriação do meio: as cores não eram realistas, distorciam o real – se comercialmente isso era um problema, artisticamente poderia ser positivo.

Com menor espaço ocupado no livro, mas com igual diversidade de pontos apresentados sobre o fenômeno cromático, a cor eletrônica aparece por meio da análise de artistas como Nam June Paik (1932-2006) e Wolf Vostell (1932-1998). Além do cromatismo eletrônico, passamos ainda pela cor digital e por uma *estética da informação* de Max Bense (1910-1990) e Abraham Moles (1920-1992), abrindo espaço para a arte computacional, a realidade virtual, a arte por satélite, a arte generativa, e para questões de cores nos monitores ou projetadas. Não é tarefa fácil dar conta de tamanho leque de possibilidades de leituras sobre as cores e os meios. Ler tais ensaios abre nossos olhos para pensar a cor que vemos não apenas nos meios impressos, mas nos digitais. A cor do nosso cotidiano nas múltiplas telas e suas diferentes configurações.

Cor e linguagem

Encerrando a leitura, Marco Giannotti nos apresenta um ensaio sobre a cor como linguagem não verbal na arte do século XX. Aborda a complexidade e infinidade de relações

das cores utilizadas por cada cultura e as diversas transformações pelas quais tal linguagem sofre em tempos e espaços diferentes. A cor e suas regras próprias, sua fenomenologia, são retomadas via Goethe e a *Doutrina das cores*, em contraponto com Wittgenstein, que busca relações conceituais entre as cores ao formarem uma linguagem.

Independentemente do campo de estudo do leitor, *Reflexões sobre a cor* abre janelas para os aspectos cromáticos das linguagens e fazeres da vida. Apresenta-nos a impossibilidade de uma teoria generalizante das cores. Faz que pensemos o olhar como uma porta aberta para as abstrações cromáticas, ajudando-nos a retirar a automaticidade do ver e a enxergar as cores do mundo e suas relações.

Referências

GIANNOTTI, M. (org.). *Reflexões sobre a cor*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

submetido em: 10 mai. 2021 | aprovado em: 14 mai. 2021